

CEGUEIRA OU EXCESSO DE VISÃO?

BLINDNESS OR OVERSIGHT?

Tercia Costa Valverde*

RESUMO: Objetivamos, neste estudo literário da natureza humana, tecer algumas reflexões humanistas e humanitárias, em *Ensaio sobre a cegueira* (1995), de José Saramago. Nessa obra espelhar, o referido escritor nos coloca diante de nós mesmos e destaca o caos em que estamos imersos, na modernidade capitalista e pragmática, onde o *ter* suplanta o *ser*, culminando na falta de visão / percepção de nós mesmos e do outro, que está diante dos nossos olhos. Contudo, há uma saída para a humanidade: a atitude empática, uma vez que, a compaixão, a mais nobre das virtudes humanas, não pode cegar. Assim, para a confecção deste artigo de cunho bibliográfico, nos pautamos nas ideias de: Hume (2010), Reis (1998), Foucault (2007 e 2011), Ricouer (2007), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Saramago. *Ensaio sobre a cegueira*. Natureza humana. Compaixão.

ABSTRACT: In this literary study of human nature, we aim to weave some humanist and humanitarian reflections on *Ensaio sobre a cegueira* (1995), by Jose Saramago. In this mirroring work, the aforementioned writer places us before ourselves and highlights the chaos in which we are immersed, in capitalist and pragmatic modernity, where *having* supplants *being*, culminating in the lack of vision/perception of ourselves and others, who are before our eyes. However, there is a way out for humanity: the empathetic attitude, since compassion, the noblest of human virtues, cannot blind. Thus, to prepare this bibliographical article, we were guided by the ideas of: Hume (2010), Reis (1998), Foucault (2007 e 2011), Ricouer (2007), among others.

Keywords: Saramago. *Ensaio sobre a cegueira*. Human nature. Compassion.

* Doutora em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (2012). Atualmente é professora Plena da Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS, no Departamento de Letras e Artes- DLA
Contexto (ISSN 2358-9566)

Humanidade perdida?

A humanidade parece estar perdida e desenfreada. Estamos a todo instante no modo automático, apressados, atarefados, desgastados e, sem tempo de enxergarmos até mesmo o nosso próprio corpo. Não me assusto mais, quando escuto casos de mulheres que, só vão perceber a sua gestação, quando estão em trabalho de parto. Também não há a percepção do corpo vizinho, que passa ao nosso redor, pois, estamos ocupados demais para simplesmente olharmos para o lado. Uma das cenas mais tristes que vi foi a de uma família, em pleno almoço dominical, na praça de alimentação de um *shopping center* que, ao invés dos membros estarem comendo, conversando e interagindo, operavam os seus aparelhos celulares. A comida estava esquecida, os pratos quentes se esfriaram. As moscas saboreavam e a matavam as suas vontades. E, nós? Não possuímos mais anseios e sentimentos? Estamos fadados ao desfecho de nos tornarmos zumbis? Será que perdemos a dita razão?

Acredito que o ser humano, ao longo do tempo, ressignificou as suas vontades. Somos voluntariosos por natureza, apaixonados e interessados por tudo o que nos atrai e é objeto de nossos desejos, implícitos e explícitos. Somos escravos das nossas paixões. Atuamos ou deixamos de atuar, de acordo com o nosso estado apaixonado e febril, de caso pensado, para o espanto de alguns. Comungo das ideias de David Hume, em *Tratado da natureza humana*, quando ele afirma que “a razão é a escrava das paixões, não pode aspirar a outro papel senão o de servi-las e obedecer-lhes” (Hume, 2010, p. 482). Para o referido filósofo, a razão e a paixão não podem se separar e nem mesmo disputar espaços. O estado racional seria uma forma calma de experimentarmos as nossas paixões. Ainda segundo Hume, os sentimentos mais pacíficos e benevolentes também seriam oriundos das paixões, que fundamentam a nossa natureza. Mas, o que tanto desejamos ou ignoramos? Vemos e não enxergamos? Estaríamos realmente cegos ou com excesso de visão?

Estas inquietações iniciais me levam à reflexão do *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago. Considero-o o escritor que mais me instiga a descortinar as entranhas da natureza humana. A sua obra é extremamente humanista e

humanitária. Sugere o que o ser humano é e fez de melhor e de pior, no decorrer da História universal. Saramago destaca, ao longo de suas narrativas, que somos movidos por vontades (como Blimunda, que se alimenta das vontades alheias, em *Memorial do Convento*); somos poderosos, manipuladores, quando flertamos com a morte, em *As intermitências da morte*; e ainda, ao mesmo tempo, nos tornamos frágeis, péssimos aprendizes da vida (ao encontrarmos um Jesus humano, homem comum, que sofre, ama e sangra, como os demais, em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*); seres fragmentados, múltiplos, indefinidos, à deriva, em busca de identidade e porto seguro, como Tertuliano, de *O homem duplicado*. Todos esses traços e características elencadas nos conduzem ao lado extremamente humano, na obra de Saramago. Mas o que há de humanitário? Temos salvação terrena ou somente no plano espiritual?

A obra *Ensaio sobre a cegueira* demonstra, em inúmeras cenas violentas e impactantes, o lado mais tenebroso do ser humano. Também nos alerta que, em situações extremas de guerra, fome, escassez de água, luz, medicamentos, voltamos ao estágio mais embrutecido, de onde viemos, passamos a ser puramente instinto. E então, mudam-se as vontades, as paixões e as ações. Cada indivíduo passa a lutar pela sua sobrevivência. Da forma mais primária, matando e comendo o próximo, se necessário for. Neste cenário caótico, José Saramago põe em prática a teoria central de Ezra Pound (2013), em *ABC da literatura*, de que os poetas são a antena da raça. Para construir os seus escritos, antes de tudo, ele precisou ser um observador atento do mundo. Também concordo plenamente com Paul Ricoeur (2007), em *A memória, a história, o esquecimento*, quando o teórico afirma que existe a impossibilidade da isenção de si nas narrativas. Saramago é sensível ao tocar profundamente a natureza humana, em suas obras, mas também severo e contundente, ao revelar à humanidade o seu lado mais sombrio.

Como grande pintor dos quadros da vida, Saramago também projeta as consequências das ações humanas, em *Ensaio sobre a cegueira*. Essa premissa nos conduz à interlocução com Carlos Reis (1998), em *Diálogos com José Saramago*, no que tange a associação do escritor português com os pintores

plásticos, que desenham, pintam e colore o cotidiano, as ações e as crenças humanas. O próprio Saramago afirma, em *Manual de pintura e caligrafia*, que pinta quadros, mas que tal tarefa “sugere desde logo uma crise e uma precariedade: a convicção de que o quadro nunca será acabado, porque o sujeito artístico tem a consciência de uma inépcia a vários títulos” (apud Reis, 1998, p. 20). Dessa maneira, o artista enfrenta a complexidade do mundo, dos seres humanos e se reconfigura, a todo instante. É quando o pintor sai de cena e oferta o espaço ao escritor: “Superando a pintura, o artista procurará, então, relatar por escrito e, mais do que isso, chegar a um grau superior de entendimento”, que é perceber tudo aquilo que não pôde alcançar enquanto pintava (Reis, 1998, p. 20).

No decorrer da História mundial, o homem se tornou histórico, passou a manipular a natureza e os seus elementos (água, terra, fogo, ar), capitalizou os espaços geográficos, mercantilizou as relações sociais. Dominou, explorou e escravizou o seu semelhante. E agora, nos últimos séculos, décadas e anos, vem pagando o alto preço de seus atos. Solidão, descaso, tristeza, apatia, estresse, ansiedade, depressão são alguns frutos colhidos, oriundos desse montante a ser quitado com o universo. Mas, será que o ser humano está percebendo a armadilha que criou para si mesmo? Por hora, afirmamos que Saramago enxergou esses logros quando nós apenas víamos, sem enxergar.

A cegueira dos que veem: o ensaio da vida

A pior cegueira é aquela originada dos que veem, já dizia a minha avó. Esse ditado popular conduz o leitor à análise desse ensaio saramagueano. Nesta obra, após uma cidade e, posteriormente, um país inteiro serem acometidos por uma cegueira “branca”, a desordem foi instaurada como uma nova ordem a ser cumprida, vivida e reverberada: “Entrou-lhe alguma coisa para os olhos, não lhes ocorreu, e tão pouco ele lhes poderia responder. Sim, entrou-me um mar de leite. Já dentro do prédio, o cego disse” (Saramago, 2017, p.14). Logo de início, o que nos chama a atenção é a cor da cegueira, uma vez que a cegueira convencional é associada à escuridão. Na cromologia, o branco reúne todas as cores e, na cromoterapia, transmite calma e aumenta a sensação de

amplitude. Essas características simbólicas desse tom de cor nos levam a crer que, na obra de Saramago, há a metáfora do ser humano ver tanta informação, tanta vastidão em seu cotidiano moderno (conceito de amplitude da cromoterapia), e acabar por perder o foco da própria vida. A tese de Saramago parece ser a de que a cegueira não é comum, física, aquela conhecida dos oftalmologistas, porém, algo para além do físico, atingindo o plano metafísico, o das ideias, dos anseios, das crenças e da sensibilidade perante o próximo.

Instigantes e extremamente irônicas as cenas iniciais, em que o médico especialista da visão ingressa no grupo das primeiras vítimas dessa epidemia de cegueira, após atender, ironicamente, “às cegas”, alguns pacientes que chegam ao seu consultório: “Que será isto, não disse Há mil razões para que o cérebro humano se feche, só estendeu as mãos até tocar o vidro, sabia que a sua imagem estava ali a olhá-lo, a imagem via-o a ele”, uma vez que “ele não via a imagem” (p.38). Quando chegou a sua vez de cegar, o médico já não perguntava mais o que seria essa trágica novidade para a ciência, uma vez que consultou colegas, assim que se deparou com os primeiros casos da futura epidemia. Todas as explicações científicas foram postas em xeque, perante um cenário nebuloso que estava por vir. Em meio às lágrimas, o médico contou, desde o princípio, com o apoio de sua mulher. Aliás, veremos, futuramente, que essa personagem é a chave de entendimento da obra, articulação do enredo e conclusão da “moral da história”, em *Ensaio sobre a cegueira*.

A trama, na maior parte do tempo, se passa em um antigo manicômio, vazio, devoluto, que estava à espera de um melhor destino. O Governo local prontamente escolheu esse espaço para confinar todos as pessoas que apresentassem a tal cegueira branca e misteriosa. Essa passagem do ensaio faz-me lembrar a conclusão que faço das ideias discutidas nos livros de Michel Foucault, *O nascimento da clínica*, bem como a obra *Vigiar e punir*, em que o filósofo aborda o despreparo dos governantes, da Igreja, da Escola, das autoridades militares e sanitárias, que, não sabendo lidar com os corpos patológicos e fora dos padrões sociais ditos normais, preferem contê-los, prendê-los, enjaulá-los, para melhor vigiá-los. Desse modo, ao avançarmos a

nossa leitura do ensaio de Saramago, começamos a assistir o que há de pior e de melhor, dentro da natureza humana.

Das poucas dezenas de pacientes, o antigo manicômio foi, cada vez mais, de forma acelerada, recebendo novos internos, que se transformarem em uma legião de flagelados, sobrevivendo à nova (des)ordem social. Os protagonistas foram os primeiros a chegarem neste espaço de contenção e, juntos, até o fim da história, passam por diversas experiências e dificuldades. Não nos são apresentados pelo escritor com os nomes próprios, mas sim, metonimicamente associados a alguma característica física ou sociocomportamental: *o primeiro cego, a mulher do primeiro cego, o médico, a mulher do médico* (que curiosamente vê), *a rapariga dos óculos escuros, o velho da venda preta, o rapazinho estrábico*. Mais adiante, os personagens secundários: *o cego da pistola, o cego que escreve em braile, o ladrão, os soldados, a velha do primeiro andar, o cão das lágrimas*, esse último, símbolo da lealdade e da fidelidade, atributos tão caros à humanidade. O cão também se transforma no porto seguro do grupo protagonista sobrevivente, auxiliando aquela personagem que metaforiza o que há de mais nobre, puro e sincero no ser humano. Veremos, posteriormente, quem é essa personagem, e o que ela representa.

Na quarentena, os personagens passaram a viver de modo extremo. Não havia água potável, luz eficiente, higiene e nenhum tipo de assistência, no interior do prédio. Os militares levavam comidas e bebidas, que eram deixadas na entrada do antigo manicômio. Os internos tinham de buscar esses suprimentos, porque quem estava do lado de fora, não podia se contaminar. Como estavam isolados da sociedade, foi instaurado um governo paralelo dentro das instalações. Grupos armados, violentos e rivais ditavam as regras e as leis a serem seguidas. O restante da multidão se tornou refém dessa situação. Os protagonistas estavam entre os que se submeteram a nova e caótica hierarquia. Tinham de pagar para comer e beber, além de servirem aos desmandos dos ladrões e insanos armados. Nesta situação descontrolada, o lado perverso do ser humano foi destacado por Saramago: “Mas quem nos diz a nós que esta

cegueira branca não será precisamente um mal do espírito”, que agora esses espíritos estavam soltos, “fora dos corpos, e, portanto, mais livres de fazerem o que quiserem, sobretudo o mal, que, como todo o mundo sabe, sempre foi o mais fácil de fazer” (p. 90). Ao invés de se unirem, os cegos tornaram-se rivais de outros cegos. Os protagonistas tiveram de ofertar os poucos bens materiais para obterem o alimento. Faltando, posteriormente, dinheiro e utensílios, outra velha moeda de troca foi solicitada: sexo. Vejamos as cenas a seguir:

Passada uma semana, os cegos malvados mandaram recado de que queriam mulheres. Assim, simplesmente, Tragam-nos mulheres. Esta inesperada, ainda que não de todo insólita, exigência causou a indignação que é fácil imaginar [...] objetando que não se podia rebaixar a esse ponto a dignidade humana, neste caso feminina [...] A resposta foi curta e seca, Se não nos trouxerem mulheres, não comem... (Saramago, 2017, p. 165).

Percebemos, nesta última passagem da obra saramagueana, em análise, o processo de dessacralização do corpo humano, em específico, do corpo feminino, como bem ironiza o escritor. Se, no cotidiano corriqueiro, os seres humanos dominam, manipulam e escravizam os seus semelhantes pela também via corporal, imaginemos agora, neste contexto da narrativa, de escassez de produtos básicos como água e alimento, o que os indivíduos “malvados”, como mesmo são descritos na narrativa, não foram capazes de pôr em prática, sublinhando o lado vil, perverso e horrendo da humanidade.

O nosso corpo é sagrado, individual, mas que pode refletir características, ideias e crenças coletivas. Um exemplo tradicional de pensamento cultural, que impõe regras aos seres humanos, é a premissa de que os homens devem se vestir em tom azul e as mulheres de rosa. Caso haja inversão de cores, essas pessoas se tornam alvo de críticas, abusos e violências, nos casos mais extremos. O nosso corpo carrega uma história, uma sociologia e, portanto, pode provocar tanto sentimentos benéficos quanto maléficos; desejo, adoração, mas também fetiche, manipulação. Acerca do assunto, David Le Breton (2010), em *A sociologia do corpo*, diz que a corporeidade humana é um fenômeno social e cultural, abarca simbologias, traduz-se em objeto de representações e imaginários. E mais:

Moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento [...] Antes de qualquer coisa, a existência é corporal (Le Breton, 2010, p. 7).

O corpo nos provoca sensações distintas, boas e más, e nos conduz a relações individuais, com nós mesmos, e a interações sociais, através de gestos amorosos, como beijos e abraços, mas também agressivos e violentos, como o estupro coletivo, que ocorre em *Ensaio sobre a cegueira*:

[...] uma fila grotesca de fêmeas malcheirosas, com as roupas imundas e andrajosas, parece impossível que a força animal do sexo seja assim tão poderosa, ao ponto de cegar o olfato, que é o mais delicado dos sentidos, não faltam mesmo teólogos que afirmam [...] que a maior dificuldade para chegar a viver razoavelmente no inferno é o cheiro que lá há [...] os cegos rodearam-nas, tentavam apalpá-las, puxou para si as duas mulheres, quase se babava quando disse, Fico com estas, depois de as despachar passo-as a vocês [...] Durante horas haviam passado de homem em homem, de humilhação em humilhação, de ofensa em ofensa, tudo quanto é possível fazer a uma mulher deixando-a ainda viva (grifos nossos, Saramago, 2017, p. 177-178).

54

A falta de consideração ao próximo atinge o ápice, nesta passagem da narrativa saramagueana. Percebemos o jogo sagrado/profano, Céu/Inferno, nesse momento de caos e perda total de valores morais e éticos impostos pela sociedade ocidental, ao longo dos séculos. Nessa nova (des)ordem instaurada, o lado grotesco, animalesco do ser humano, que estava latente, encoberto e reprimido agora se torna evidente e entra em cena. Percebemos que, nesta passagem, os freios sociais se romperam, o que levou o ser humano a humilhar e a ser humilhado.

A compaixão não pode cegar: considerações quase finais

O curioso em *Ensaio sobre a cegueira* é que há apenas uma personagem que não foi acometida pela epidemia de cegueira: a mulher do médico. Desde as primeiras linhas, nos perguntávamos o motivo desta distinção, o que ela representava e qual seria a mensagem do escritor a seus leitores. Chegamos à dedução de que essa mulher representa a compaixão, uma das virtudes e sentimentos mais nobres do ser humano. Ao longo da história, a mulher do

médico é tomada por um impulso altruísta de ternura para com aqueles que estavam sofrendo, literalmente, perante os seus olhos. A começar por fingir cegueira, desde o princípio, para ser internada no manicômio com o seu marido. Depois foi a cuidadora e a provedora dos demais personagens de seu núcleo. Ela minimizou as dificuldades, facilitava a locomoção das pessoas, alimentava os outros personagens, foi capaz até de matar, para amenizar o sofrimento coletivo. E, fez tudo isso, sem revelar que tinha permanecido imune à patologia ocular. Ao trazer para o protagonismo o que existe de melhor na humanidade, Saramago nos deixa esperançosos e ansiosos por um futuro mais digno e harmônico, em sociedade.

Sendo assim, a compaixão evita que a grande nau da vida social naufrague de vez: “O condutor da ambulância protestou do banco da frente, Só posso levá-lo a ele, são as ordens que tenho, a senhora saia. A mulher, calmamente, respondeu, Tem de me levar também a mim, ceguei” (Saramago, 2017, p. 44). Essa atitude inicial definiu toda a narrativa, porque a colocou como a protagonista do enredo, aquela pessoa que iria evitar um mal maior para todas as pessoas. Essa personagem conduziu os acontecimentos de modo equilibrado e justo, pensando também em seu bem-estar, afinal, se descobrissem que ela enxergava, podiam escravizá-la ou, no caso dos “malvados”, matá-la por deter tamanho privilégio:

Mal-intencionados e de mau carácter foram também aqueles que não só intentaram, mas conseguiram, receber comida duas vezes. A mulher do médico apercebeu-se do condenável acto, mas achou prudente não denunciar o abuso. Não queria nem pensar nas consequências que resultariam da revelação de que não estava cega, o mínimo que lhe poderia acontecer seria ver-se transformada em serva de todos, o máximo talvez fosse converterem-na em escrava de alguns (Saramago, 2017, p. 93).

Percebemos que há um equilíbrio e, também, limite, nas atitudes dessa personagem. O que seria, talvez, o fluxo de consciência do próprio escritor, ao amenizar os atos humanos. Não há maniqueísmos: o Bem e o Mal habitam em cada um de nós! Durante todo o enredo, a metonímia da compaixão viabilizou a manutenção da sobrevivência dos mais próximos. E, da sua própria sanidade física e mental, o que foi extremamente doloroso e difícil de acontecer:

Perguntava-se se alguma vez chegaria a cegar como eles, que razões inexplicáveis a teriam preservado até agora. Num gesto cansado, levou as mãos à cara para afastar o cabelo, e pensou, Vamos todos cheirar mal (p. 97).

Notemos a plasticidade da cena pincelada pelo escritor, a dualidade humana de ser forte e fraco, espiritual e carnal, ao mesmo tempo, essa personagem transcende e sucumbe, perante a realidade ao seu redor. Não só os olhos são metaforizados, em *Ensaio sobre a cegueira*, mas, outros órgãos do sentido são destacados como maneira de autopercepção humana: o olfato. O “cheirar mal”, nesta obra, não se resume à esfera do físico. Traduz o destino equivocado da humanidade. Se continuarmos desse jeito, egoístas, egocêntricos e “cegos” ao sofrimento alheio, vamos todos permanecer, irreversivelmente, no mar de lama fétida.

Após presenciar e ser vítima do estupro coletivo cometido pelos homens “malvados”, a mulher do médico foi tomada por um sentimento de vingança e indignação. Acabou por fazer justiça “com as próprias mãos”. Matou o chefe do grupo criminoso a tesouradas, enquanto ele violentava uma mulher cega:

Devagar, a mulher do médico aproximou-se, rodeou a cama e foi colocar-se por trás dele. A cega continuava no seu trabalho. A mão levantou lentamente a tesoura, as lâminas um pouco separadas para penetrarem como dois punhais. Nesse momento, o último, o cego pareceu dar por uma presença, mas o orgasmo retirara-o do mundo das sensações comuns, privara-o de reflexos. Não chegarás a gozar, pensou a mulher do médico e fez descer violentamente o braço. A tesoura enterrou-se com toda a força na garganta do cego, girando sobre si mesma lutou contra as cartilagens e os tecidos membranosos, depois furiosamente continuou até ser detida pelas vértebras cervicais. O grito mal se ouviu, podia ser o ronco animal de quem estivesse a ejacular, como a outros já estava sucedendo, e talvez o fosse, na verdade, ao mesmo tempo que um jato de sangue lhe regava em cheio a cara, a cega recebia na boca a descarga convulsiva do sémen (Saramago, 2017, p. 185-186).

Nesse ápice da sobrevivência, a compaixão nos mostra que somos capazes de praticar qualquer ato e, mais ainda, se estamos em condições grotescas (animalização, reificação) adversas. Saramago faz intertexto com inúmeros ditados populares, em inúmeras narrativas, bem como o uso de provérbios da Bíblia. A cena que acabamos de analisar remete-nos ao dito “A necessidade faz o ladrão”. Sem sentimento de culpa, por estar em exaustão, a personagem central revela ao “malvado” que administrava as contas dos criminosos: “Talvez

eu seja a mais cega de todos, já matei, e tornarei a matar se for preciso” (p. 188). Não tinha culpa, entretanto, consciência e medo (não arrependimento) do que cometeu:

E quando é que é necessário matar, perguntou-se a si mesma enquanto ia andando na direção do átrio, e a si mesma respondeu, Quando já está morto o que ainda é vivo. Abanou a cabeça, pensou, E isto que quer dizer, palavras, palavras (p. 189).

Agora, a compaixão teve compaixão por si mesma. Saramago nos convida a termos empatia por nós mesmos e pela coletividade, ou seja, exercermos a capacidade de nos colocarmos no lugar do outro. Essa é a face humanitária da obra saramagueana, que nos envolve enquanto leitores humanistas.

Já quase ao final da história, houve um incêndio no manicômio. As instalações foram severamente danificadas e os internos foram obrigados a fugir desse local, para não serem mortos pelas chamas. Desnorteados e desorientados, cada núcleo de personagens teve de seguir o seu destino, em uma cidade fantasma, desolada e sem vida. Todos os serviços estavam estagnados. Tudo parou, após a epidemia de cegueira. Mas, e agora? O que fazer com uma liberdade que não enxerga? Resistiram, a princípio, porém, tiveram de sair: “Mantêm-se juntos, apertados uns contra os outros, como um rebanho, nenhum deles quer ser a ovelha perdida porque de antemão sabem que nenhum pastor os irá procurar” (p. 211). Nessa parte da narrativa, Saramago coloca um espelho diante dos seus leitores, para refletirmos se realmente sabemos lidar com os nossos caminhos. Será que aprendemos alguma coisa em vida? Em *O evangelho segundo Jesus Cristo*, o personagem Pastor (Anjo ou Demônio?) critica a inexperiência e a fragilidade de Jesus, que aliás, é o ícone da nossa imagem e semelhança, veio ao mundo para nos salvar. Do quê? De quem? “Não aprendeste nada, vai, e depois retirou-se ostensivamente para o outro extremo do rebanho [...] e nesse instante o sentimento de ausência, de falta, de solidão...” (Saramago, 1991, p. 269).

Há uma cena do *Ensaio sobre a cegueira* que dialoga com a conversa entre Pastor e Jesus, no *Evangelho*. Após muitas e longas caminhadas dos personagens centrais guiados pela mulher do médico (que provia alimentos e medicamentos,

quando os encontrava em condições minimamente saudáveis, além de roupas, trajes e calçados), eles acabaram por adentrar em uma Igreja. A mulher do médico fica atônita quando, em meio a uma multidão de cegos fiéis, olha para o altar e vê todas as imagens, a de Jesus crucificado, dos santos e santas com uma venda branca, em seus olhos:

[...] aquele homem pregado na cruz com uma venda branca a tapar-lhe os olhos, e ao lado uma mulher com o coração trespassado por sete espadas e os olhos também tapados por uma venda branca, e não eram só este homem e esta mulher que assim estavam, todas as imagens da igreja tinham os olhos vendados, as esculturas com um pano branco atado ao redor da cabeça, as pinturas com uma grossa pincelada de tinta branca [...] só havia uma mulher que não tinha os olhos tapados porque já os levava arrancados numa bandeja de prata. A mulher do médico disse para o marido, Não me acreditarás se eu te disser o que tenho diante de mim [...] as imagens veem com os olhos que as veem, só agora a cegueira é para todos [...] esse padre deve ter sido o maior sacrílego de todos os tempos e de todas as religiões, o mais justo, o mais radicalmente humano, o que veio aqui para declarar finalmente que Deus não merece ver (Saramago, 2017, p. 301-302).

As crenças representam a nossa própria visão de mundo, ou seja, o nosso rosto refletivo no espelho. Se a humanidade está, simbolicamente, cega, cegos também estão os deuses. Nós não aprendemos nada, como mesmo diz Pastor para Jesus, no *Evangelho*, e agora, no *Ensaio sobre a cegueira*, além de incapacidade de aprendizado de vida, não estamos aptos para perceber a fundo o próximo e a nós mesmos. “Deus não merece ver”, porque nós estamos perdendo o sentido ocular e colocamos este encargo nas mãos da divindade. Ficamos presos ao campo teórico, mental, metafísico, e fugimos das responsabilidades físicas, da prática, de se colocar “as mãos na massa”. Precisamos aprender a existir em coletividade e a enxergar a realidade diante de nós.

Considerações finais

Acreditamos que José Saramago, em *Ensaio sobre a cegueira*, reforça a premissa de que a humanidade, na modernidade pragmática e capitalista, foi acometida não pela cegueira clássica, física, a velha conhecida dos oftalmologistas, entretanto, ingressou em um túnel excessivamente carregado de informações, velozmente trazidas para a retina, que a levou a uma falta de

visão “branca”, ou seja, desfocada, imbuída de todas as cores, traduzindo-se, talvez, em um excesso de visão. Nessa narrativa, o excesso se alia à falta, o ver se dissocia do enxergar. Mas, não devemos chorar, precisamos ser fortes e altruístas, termos compaixão pelo próximo e por nós mesmos: “Não chores, que outras palavras se podem dizer, as lágrimas que sentido têm quando o mundo perdeu todo o sentido” (Saramago, 2017, p. 238). Chorar e se lastimar não é o caminho ideal a ser seguido, entretanto, se não aprendemos nada e não vemos o que está diante dos olhos, o choro parece ser o nosso destino. Porém, nem tudo está perdido: se chorarmos, haverá um cão a nos espreitar e a lamber as nossas lágrimas, tal qual ocorre no ensaio saramagueano em análise.

Saramago não tem pretensões de ensinar e de criticar a humanidade, afinal, como mesmo sugere em *Ensaio sobre a cegueira*, o escritor não é um semideus: “Um escritor é como outra pessoa qualquer, não pode saber tudo nem poder viver tudo, tem de perguntar e imaginar” (p. 277). A magia da arte justamente consiste em operar no campo da sugestão e, sem maiores presunções, acaba por tocar a realidade de modo essencial e profundo.

Por fim, a nosso ver, Saramago nos oferta uma grande lição, em *Ensaio sobre a cegueira*: a de que temos escapatória, possuímos um lado benevolente, caridoso, atencioso e empático. Por esse motivo, o escritor coloca a mulher do médico, metonímia da compaixão, como a protagonista da narrativa. Ela rouba a cena, nos acolhe e nos torna melhores, mesmo, por vezes, estando cansada, fragilizada, e, um pouco contaminada pela cegueira coletiva: “...graças aos olhos que tens conseguimos ser um pouco menos cegos, Irei até onde for capaz, não posso prometer mais” (p. 293), diz a heroína, sem total heroísmo. E assim, a obra de Saramago continua fluindo aberta, à espera de novos olhares, aprendizados e percepções.

Referências

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Tradução Roberto Machado. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2011.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução Raquel Ramallete. 34.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HUME, David. **Tratado da natureza humana.** Tradução Serafim Fontes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo.** Tradução Sonia Fuhrmann. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

POUND, Ezra. **ABC da literatura.** Tradução José Paes e Augusto Campos. 12.ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

REIS, Carlos. **Diálogos com José Saramago.** Lisboa: Editorial Caminho, 1998.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Tradução Alain François [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira.** 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **O evangelho segundo Jesus Cristo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.